



POESIA

## UMA PRAÇA

Paulo Nunes

Para os grupos teatrais  
Cirquinho do Revirado e  
Teatro Contadores de Mentira

Se fosse possível atravessar uma praça,  
se fosse possível o poema, com todo o seu futuro,  
toda esta verdade jamais inventada,  
se o silêncio nos habitasse mais do que o vazio,  
se o vazio repercutisse nosso grito,  
se soubéssemos que está sempre amanhecendo,  
iríamos — como vamos — sobre duas pernas e uma nuvem,  
porém não a caminho de um outro lado  
que não é outro e sempre nos entrega os mesmos,  
embora mais velhos e claudicantes:  
iríamos como a criança, que vai e encontra,  
como o louco, que não vai, pois já é,  
como o velho palhaço inventa a flor que despetala,  
como um poeta anda em busca de seu poema.  
Uma praça atravessa-nos no tempo mais do que no espaço,  
tateia-nos na luz mais do que na escuridão,  
propõe-se muito antes de nós, e nos propõe,  
onde a cidade e os pulmões não têm muros  
e a coisa ainda não construída se afirma e paira,  
fora de nós uma parte que é nossa e de quem passa.  
Uma praça não se ajoelha e se reduz a adro de igreja,  
patíbulo de comício, lavanderia de batalhão,  
uma praça não é apenas um pátio de hospício,  
uma praça, se atravessada, não volta atrás.  
Há milênios este navio partiu e não chegou  
trazendo ânforas necessárias e perdidas,  
há muito pronta e inacabada ela se assenta sobre as patas,  
recolhe as asas, sorri, expandindo o segredo  
mais do que a verdade — e nos fita, imóvel.  
E é quando à esfinge perguntamos: há cidade?

Existe o homem? Nascerá o poema? Bastará  
consagrar ao vazio nosso único e ferido deus?  
Mas qual monumento forjar além da própria vida  
que nos ergue e atira a uma altura improvável?  
Que estátua sedestre e esquecida que não abale o silêncio?  
Qual coração em comum se tamanha é a dispersão?  
No entanto, não temos dúvidas sobre uma praça.  
Somos estreitos como uma rua e aqui desembocamos,  
nesta calma que dissimula uma pista de voo,  
este descampado a copular flor e solidão,  
onde buscamos o que perdemos antes de ter,  
mas que, se soubéssemos, defenderíamos da voz equivocada.  
E se alguém ferisse a cidade, se alguém  
impedisse o poema, se a horda inimiga finalmente atacasse,  
se de tudo isso soubéssemos — se de nós soubéssemos —  
para cá fugiríamos, procurando saída, procurando-nos.  
Pois uma praça segue, extática, em todas as direções,  
está aberta e é nossa porque a vemos,  
após sonhar a ela retornamos com novos pés,  
aqui onde a cidade não existe e melhor se espelha,  
onde tudo é provável por ainda não ter sido feito,  
e as coisas prontas e destruídas ocupam de volta  
seu lugar, saltando do passado para o futuro  
sobre nossas cabeças, os velhos medos não impedindo  
nossos olhos de pressentirem o clarão.  
E o azul espreita-nos como uma possibilidade,  
a nova manhã quer se desplumar de nossos corpos.  
Está nascendo o poema (eu sinto), a praça existe,  
a clareira se agasalha e se abre em nós,  
a mão veio para um dia florir, alguém ao longe  
nos acena e vamos, a rosa hoje amanheceu visível.